

AEPET

NOTÍCIAS

Rio de Janeiro Ano XXXIX nº 354 - Dezembro / 2008



Informativo Oficial da Associação dos Engenheiros da Petrobrás

O PRÉ-SAL É DO POVO BRASILEIRO

Júlio Cesar Lobo

O Clube de Engenharia promoveu no último dia 27 de novembro, sob a coordenação do engenheiro Paulo Metri, o seminário "O pré-sal é do povo brasileiro", que contou com as participações de especialistas e mobilizou centenas de pessoas, que, por unanimidade, defenderam o uso estratégico daquela rica região pela União. Os palestrantes e debatedores defenderam, também, o fim dos leilões do nosso petróleo e gás e o fortalecimento da Petrobrás como estatal prioritária na administração da exploração do pré-sal.

O ex-diretor de Gás e Energia da Petrobrás, Ildo Sauer, que participou do painel "Marco Regulatório e Monopólio", expôs sua análise sobre a evolução das relações do homem com as várias formas de energia. Ele destacou que, desde a descoberta do petróleo, em meados do século XIX, já foram consumidos um trilhão de barris do produto. Segundo ele, estima-se que há ainda cerca de dois trilhões de barris para serem usados pela Humanidade, o que representa uma reserva mundial de cerca de três trilhões de barris, aliado à tendência de alta nos preços do energético.

– No mundo, a maior parte das grandes empresas petrolíferas têm composição estatal, e por isso eu defendo que usemos a capacitação dos profissionais da Petrobrás, que foi vitoriosa em 55 anos de existência, se tornando referência mundial na exploração em águas profundas e em mais de uma série de setores da atividade produtiva – defendeu Sauer a importância estratégica da Petrobrás no setor petrolífero nacional.

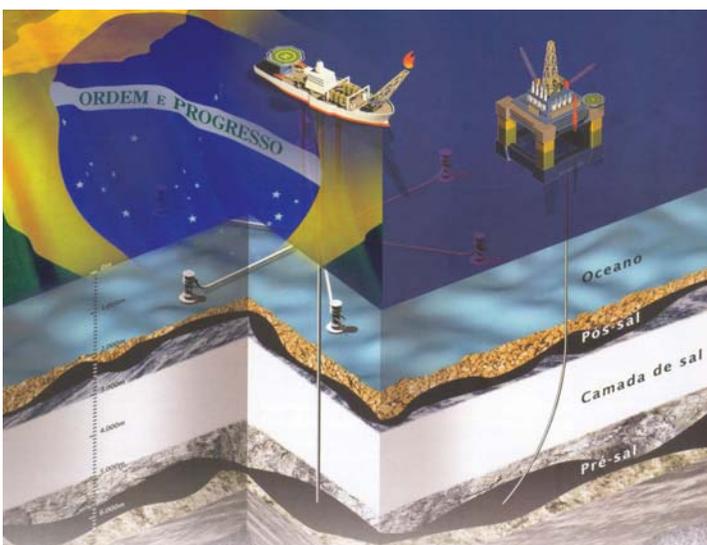
Ele exortou aos presentes a necessidade de se chamar a atenção da sociedade brasileira à luta em defesa do pré-sal e da Petrobrás, o que proporcionará um futuro melhor para o Brasil e os brasileiros. Ressaltou que a utilização soberana do pré-sal permitirá o desenvolvimento de investimentos em saúde, educação, habitação, e outros. "Precisamos fazer uma grande corrente de brasileiros para mudar a correlação de

forças em nossa sociedade, para que tenhamos êxito na nossa luta", destacou Sauer, que também é professor da USP (Universidade de São Paulo).

O diretor de Comunicações da AEPET, Fernando Siqueira, que foi eleito em novembro último, presidente da AEPET para o triênio 2009-2011, posse em janeiro de 2009, destacou que a substituição do petróleo por outro tipo de energético ainda está muito distante, pois nenhuma matéria-prima descoberta recentemente tem a abrangência do petróleo, que possibilita a criação de cerca de três mil produtos. "O etanol, por exemplo, só substitui uma das funções do petróleo e estamos no terceiro choque do petróleo com uma instabilidade entre oferta e demanda, esta na casa de 87 milhões de barris".

Para ressaltar a grave crise que o mundo vive hoje, com o petróleo quase não acompanhando a demanda mundial, lembrou de uma reportagem do jornal "Financial Times", de 2004, que mostra o encolhimento das grandes empresas petrolíferas, as chamadas "irmãs do petróleo". Segundo a matéria, essas empresas, hoje, controlam somente 3% das reservas de petróleo no mundo e podem desaparecer nos próximos cinco anos. Os EUA, que tem uma reserva de 20 bilhões de barris, consomem 10 bilhões, por isso estão desesperados em busca do bem, até mesmo por meios violentos, como, por exemplo, a invasão ao Iraque, a reativação da IV Frota do Atlântico Sul.

– É preciso que o marco regulatório do setor petróleo seja mudado, uma vez que antes do fim do monopólio da



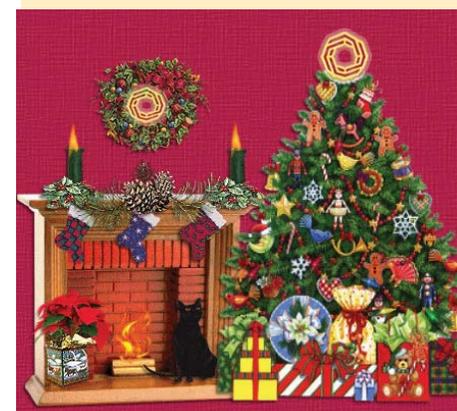
Alessandra Bandeira / Petrobrás

Petrobrás havia cerca de 5 mil empresas operando nas atividades do referido setor. Já com a abertura do setor ao capital externo, só sobraram dez empresas, notadamente multinacionais, que não investem no País – lembrou Siqueira, que defendeu, ainda, a retomada da campanha "O petróleo é nosso!". Ele defendeu a redistribuição dos royalties do petróleo entre estados e municípios, como forma de aumentar a distribuição de renda para o povo brasileiro, investimentos em saúde, educação, transportes e habitação.

O geofísico e exploracionista, aposentado da Petrobrás, João Victor Campos, também eleito diretor da AEPET para o triênio 2009-2011, fez uma explanação sobre os fantásticos movimentos das placas tectônicas e como surgem os depósitos de petróleo nas bacias sedimentares ao longo de milênios. Ele, que tem enorme experiência no setor, tendo atuado pela Petrobrás no Iraque, na década de 1970, destacou que a estatal brasileira, em seus mais de 50 anos de atuação, sozinha, e com recursos próprios, foi capaz de pesquisar e explorar petróleo no País, além de ser referência mundial na tecnologia de exploração em águas profundas, o que resultou em diversos prêmios.

Continua na pág 3

Feliz Natal



Eleições da AEPET para o triênio 2009-2011: a chapa "O petróleo tem que ser nosso" foi a vitoriosa no pleito.

(Pág. 2)

Desreputação Já!

(Pág. 2)

Em defesa do pré-sal

O Grupo de Defesa da Petros (Rio Grande do Sul) apresentou, no dia 20/11, à sociedade brasileira um resumo do projeto "Defesa do Petróleo do Pré-Sal".

(Pág. 3)

O professor e escritor Edson Monteiro concede entrevista ao AEPET Notícias.

(Pág. 4)

Editorial

FICOU O INESTIMÁVEL LEGADO

2008 foi um ano atípico para a AEPET, pois a entidade perdeu três de suas destacadas lideranças [o presidente Heitor Manoel Pereira e os diretores Ruy Gesteira e Sydney Reis Santos] e está conseguindo, junto às outras entidades e lideranças dos petroleiros e da sociedade brasileira, chamar a atenção às autoridades do País quanto a importância da utilização estratégica do pré-sal, do fim dos leilões da ANP e da urgente alteração da Lei 9478/97, entre outras demandas do setor petrolífero nacional. Cada um dos referidos líderes da AEPET, que nos deixaram em 2008, de acordo com as suas características, estavam, até os seus últimos dias, envolvidos apaixonadamente na luta em defesa da soberania da União sobre o petróleo (óleo e gás) no subsolo nacional, da Petrobrás e seu corpo técnico, pelo fim dos leilões do nosso petróleo e gás, na defesa da Petros como Fundo de Seguridade Social solidário [de Benefício Definido], bem como dedicados às tarefas organizativas da AEPET, sempre presentes às reuniões de diretoria. Eles combinavam liderança, firmeza, serenidade, organização, solidariedade, busca de soluções para os desafios do dia-a-dia da entidade, dos petroleiros e demais setores estratégicos, entre eles a Amazônia. Eles deixaram um inestimável legado de luta às atuais e futuras gerações de petroleiros, sócios da AEPET e demais brasileiros envolvidos nas causas maiores, fundamentais para tornar o Brasil um país soberano, desenvolvido e justo socialmente. Ficou o legado e a esperança de vitórias em 2009!

Expediente

AEPET - Associação dos Engenheiros da Petrobrás
Tel.: 21 2533-1110 - Fax: 21 2533-2134
Av. Nilo Peçanha, 50 /2409 - Centro/RJ

Presidente: Heitor Manoel Pereira
Vice: Diomedes Cesário da Silva

Diretoria

Comunicações: Fernando L. Siqueira / Vice: Felipe C.C. Coutinho

Administrativo: Ruy da S. Gesteira / Vice: Roldão M. Fernandes

Pessoal: Pedro da Cunha Carvalho / Vice: Henrique Sotoma

Cultural: Silvio Sinedino / Vice: Ricardo Latgé M de Azevedo

Dir. da área de acompanhamento jurídico: Sydney Reis Santos

Vice: Roberto Cartaxo M. Rios

Conselho Fiscal

Efetivos: Hamilcar Beviláqua Neto, Rubin Diehl Filho, Gilbert Prates

Suplentes: Clemente F. da Cruz, Roberto P. Coelho, Clovis C. Rossi

Núcleos

Aepet-Bahia: Admilson Quintino Sales / Aepet-BR: Adalberto César P. Costa / Aepet-Macaé: José Carlos L. de Almeida / Aepet-NS: Solon Mauro S. Fagundes / Aepet-SE/AL: Rosivaldo R. Santos

Delegados

Juiz de Fora: Murilo Marcatto / Espírito Santo: Paulo W. Magalhães - S. José dos Campos: Clemente F. da Cruz / Curitiba: Ernesto G. R. de Carvalho / Pernambuco: Adelmo José Leão Brasil / Brasília: Velocino Tonietto

Redação

Jornalista Responsável: José Carlos Moutinho (Mtb 24460)

Reportagem: José C. Moutinho / Julio César Lobo

Fotografia: Alessandra Bandeira

Projeto Gráfico: Marta P. Guimarães - magainter@globo.com

Arte / Ilustração: Alessandra Bandeira

Diagramação: Alessandra Bandeira

Impressão: Mestre Artes Gráficas

Tiragem: 20 mil exemplares

Correio Eletrônico: aepet@aepet.org.br

Permitida a reprodução na íntegra ou em parte, desde que citada a fonte

COLUNA DO ASSOCIADO

Pedro Carvalho - Dir. de Assuntos de Pessoal



DESREACTUAÇÃO JÁ!

A Petros vem anunciar, juntamente com a FUP, que a Secretaria de Previdência Complementar aprovou mudanças no Regulamento do Plano Petros. Tais mudanças seriam resultado da aprovação do Acordo de Obrigações Recíprocas – AOR.

Entretanto, tal acordo não foi aprovado pelo Juiz da 18ª Vara do Trabalho na ação recentemente julgada.

O que foi aprovado, foi a forma de pagamento de parte da dívida da Petrobrás para com a

Petros (R\$ 6 bilhões, de uma dívida total de R\$ 10 bilhões).

A forma de pagamento aprovada permite à Petrobrás pagar esse valor só no final de 20 anos! **Nada mais foi aprovado.**

Assim, a FUP e a Petros estão mais uma vez mentindo. A repactuação não foi aprovada e as pretensas mudanças no Regulamento do Plano Petros ainda serão, com certeza, passíveis de questionamento judicial.

Aqueles que repactuaram e

reconhecem ter entrado numa fria, ainda têm tempo para corrigir seu erro. Basta procurar uma AEPET ou um Sindicato filiado à Frente Nacional dos Petroleiros (FNP) para entrar com a competente Ação de Desrepectuação. Essa ação pode e deve ser realizada o mais rapidamente possível, para evitar que eventuais mudanças no regulamento impeçam o andamento das mesmas.

Pedro Carvalho
Diretor da AEPET

ELEIÇÕES DA AEPET PARA O TRIÊNIO 2009-2011: A CHAPA "O PETRÓLEO TEM QUE SER NOSSO" FOI A VITORIOSA NO PLEITO

A chapa 'O petróleo tem que ser nosso', encabeçada pelos engenheiros Fernando Leite Siqueira e Pedro da Cunha Carvalho, por 476 votos a favor, 9 abstenções e 6 votos em branco, foi proclamada vitoriosa nas eleições da AEPET para o triênio 2009-2011, nesta sexta-feira (28/11), na sede da entidade, Centro do Rio de Janeiro. A Mesa Apuradora foi presidida pelo associado Alcyr dos Prazeres Pinto Nordi e secretariada pelo também sócio Francisco Isnard Barrocas. Participaram também da apuração, o coordenador da Comissão Eleitoral, o sócio Roberto Pessoa Coelho, os sócios representantes da chapa: Roberto Cartaxo Machado Rios e Pedro Francisco de Almeida Castilho e os funcionários da AEPET: Bichara Daher Yunes e Aline Quintanilha das Neves. Onze

(11) votos foram desconsiderados por não apresentarem identificação. A apuração que teve início às 14h:28min, com término às 15h:26min., após serem cumpridos os dispositivos estatutários, teve a chapa 'O petróleo tem que ser nosso' proclamada vitoriosa pela Comissão Eleitoral. A posse da nova diretoria se realizará em janeiro de 2009, com a data a ser marcada.

CHAPA 'O PETRÓLEO TEM QUE SER NOSSO' DIRETORIA

Presidente:

Fernando Leite Siqueira

Vice-Presidente:

Pedro da Cunha Carvalho

Diretores:

Henrique Sotoma

Roldão Marques Fernandes

Silvio Sinedino Pinheiro

Paulo Teixeira Brandão

João Victor Campos

Vice-Diretores:

Gilbert Prates

Diomedes Cesário da Silva

Ronaldo Tedesco Vilardo

David Garcia de Sousa

Felipe C. Cauby Coutinho

MEMBROS DO CONSELHO

EFETIVOS

Ricardo Maranhão

Arthur de O. Martins Filho

Ricardo Latgé M de Azevedo

SUPLENTES

Hamilcar José do Amaral

Bevilaqua Neto

Clemente Cruz

Clóvis Carlos Rossi



O PRÉ-SAL É DO POVO BRASILEIRO

— Por isso, sou favorável que sejam suspensos os leilões do petróleo o mais rápido possível e que a Petrobrás assuma, sozinha, todas as etapas do processo de produção do combustível. Defendo, também, a reestatização da empresa e a compra das ações que foram vendidas na Bolsa de Nova Iorque. Ele ressaltou que a quebra do monopólio estatal do petróleo e a venda das ações da Petrobrás nos EUA são resultados de um processo iniciado em 1983, no chamado Diálogo Interamericano, cujo documento final defendia a venda da maioria das empresas em mãos do Estado brasileiro.

O economista Carlos Lessa ressaltou que o Brasil tem uma matriz energética renovável de

45% do total, que é hidrelétrica. Nesse sentido, com a descoberta do pré-sal, ele exortou a todos ao aumento da consciência de que “o petróleo é um produto estratégico e de soberania nacional, a ser explorado pela Petrobrás, em defesa do povo brasileiro”. Sublinhou que o petróleo é tão importante que as Forças Armadas brasileiras têm que ser reequipadas para defesa de nossa segurança perante a cobiça estrangeira. “Por isso, defendo que convoquem um membro do Estado Maior das FFAA para outros debates, uma vez que uma parte do mar territorial brasileiro não é aceita pelos EUA, mas a ONU aceitou a demarcação em sua Assembleia Geral, por mais de 130 votos favoráveis”.

No painel “Pré-sal: desenvolvimento e soberania”, o economista Cesar Benjamin afirmou que as descobertas de petróleo no País estão sendo ofuscadas pela crise global e chamou atenção para a necessidade de que seja feito um debate mais profundo a respeito do pré-sal, visando a evitar que o País fique a reboque da conjuntura internacional.

— Eu penso que as autoridades brasileiras estão sendo muito frágeis diante da magnitude da atual crise global e não estão fazendo os ajustes necessários para diminuir os seus efeitos sobre a economia brasileira — avaliou o professor Benjamin. “A descoberta do pré-sal é uma oportunidade de investimentos de centenas de bilhões de dóla-

res e de desenvolvimento para todo o setor produtivo brasileiro. O pré-sal pode se tornar uma nova forma de pensar o Brasil, com um novo Plano de Metas [de médio e longo prazo]. Para isso, é necessário uma mudança no marco regulatório do setor de petróleo e um engajamento da população neste processo”, destacou Cesar Benjamin.

O diretor da FUP, Marluzio Dantas, defendeu que o povo deve ser mobilizado, ir às ruas, para defender as mudanças no marco regulatório. “A FUP está preparando um movimento grevista para o próximo dia 18 de dezembro contra os leilões do petróleo e gás e a alienação da Petrobrás”, destacou o sindicalista.

EM DEFESA DO PRÉ-SAL

O Grupo de Defesa da Petros (Rio Grande do Sul) apresentou, no dia 20/11, à sociedade brasileira um resumo do projeto “Defesa do Petróleo do Pré-Sal”, que visa contribuir a mobilização das lideranças petroleiras e a sociedade brasileira na defesa daquela promissora área, que contribuirá decisivamente com a rendição econômica e social do Brasil.

O Grupo, justificando as razões da iniciativa, essencialmente histórica, assim se manifestou: “Após a aposentadoria, nos alienamos da Petrobrás e Petros, como faz a maioria de nossos colegas petroleiros. Quando tivemos que decidir nos processos de migração, repactuação, eleição de Conselheiros, sentimos completamente despre-

parados e desamparados, e culpados por não termos continuado envolvidos com a defesa dessas instituições que ajudamos a construir. Durante o processo de repactuação, formamos um Grupo para Defesa da Petros, composto de petroleiros aposentados, preocupados e atuantes, que se reúne semanalmente numa sala da AMBEP/RS, visando nos manter informados, e aos nossos colegas, sobre a real situação e dificuldades da Petros, bem como tentar ajudar na sua preservação e na das finalidades que ensejaram sua criação. Nesse processo conhecemos o Fernando Siqueira, ex-presidente da AEPET e hoje seu diretor de Comunicações, além de ex-conselheiro deliberativo da Petros e atual presidente do Conselho Fiscal. Em uma de suas vindas

ele abordou o tema da imensa descoberta da Petrobrás que se constitui na província de petróleo sob camada de pré-sal, o que nos impactou fortemente pela importância para o país, além do que provoca de cobiça estrangeira. Percebemos que o grupo que está nessa verdadeira Cruzada Nacionalista é muito pequeno e com carência de pessoas e recursos para enfrentar os poderosos interesses externos”.

Siqueira, em recentes palestras no Sul do País, ressaltou que, caso continuem os leilões das nossas bacias sedimentares, o pré-sal estará seriamente comprometido, durará apenas 13 anos. “Se a União for dona (como diz a Lei) e administrar o petróleo (óleo e gás) do pré-sal, segundo uma política nacional soberana e estratégi-

ca, as reservas do pré-sal durarão de 30 a 50 anos”.



O Grupo de Defesa da Petros-RS promoveu diversos encontros, nos quais Siqueira expôs as razões à defesa do pré-sal sob controle da União, como, por exemplo, a visita aos presidentes do Tribunal de Contas do Rio Grande do Sul, Tribunal de Justiça, Ministério Público-RS, Defensoria Pública-RS, Assembleia Legislativa, OAB-RS, Associação dos Juizes do Rio Grande do Sul, Fecomércio-RS, Associação Riograndense de Imprensa, Jornal do Comércio, Correio do Povo, Faculdades de Direito e Universidades, entre outros.

ASSISTA



Assista ao programa Debate Brasil em sua cidade. Para saber os dias e horários de transmissão acesse www.aepet.org.br Ou assista a qualquer hora o programa em seu computador na nossa página.

OUÇA



Ou escute o programa qualquer dia ou qualquer hora na página da AEPET: www.aepet.org.br

Para receber nosso informativo eletrônico entre em contato com a AEPET ou acesse www.aepet.org.br



Ano Novo



3





Este trabalho é dedicado aos brasileiros de todas as origens raciais, homens e mulheres capazes de sentir o orgulho de pertencerem a um povo cuja razão de ser, provada na origem, é o amor à liberdade.

(Edson Monteiro)

4 AEPET Notícias



O ESCRITOR EDSON MONTEIRO FALA AO AEPET NOTÍCIAS SOBRE SUA PREMIADA OBRA "O DESPERTAR DO NATIVISMO BRASILEIRO"

A obra "O despertar do nativismo brasileiro (Século XVIII)" (editora LetraCapital), do escritor Edson Monteiro, recebeu, no dia 31 de outubro, último, seu segundo prêmio: o Eneida de Moraes, pela União Brasileira de Escritores – Rio de Janeiro (UBE-RJ), na categoria Ensaio Histórico-Social. A obra, que foi dividida em dois volumes: Século XVII e século XVIII, havia recebido, em 2006, o prêmio Daniel Winz, também pela UBE-RJ, na categoria Ensaio Histórico-Social. Em entrevista ao "AEPET Notícias", o escritor falou sobre este momento especial, bem como revelou algumas outras questões de sua vida.

Conforme adiantou Monteiro no boletim eletrônico "AEPET Direto", esses ensaios, não só desnudam criticamente a verdade histórica da colônia portuguesa daquelas épocas, mas, principalmente, ressaltam a origem da herança de submissão colonialista que permanece, com roupagens variadas, no comportamento brasileiro da atualidade: "Não bastaram as "benesses" da natureza no solo pátrio para fazer com que o povo brasileiro lutasse ou permanecesse lutando para conquistá-las no seu interesse. De uma forma ou de outra, volta e meia, a Nação se vê escravizada por opções assistidas e referendadas por suas elites, num ciclo imutável que perdura desde o pau-brasil ao petróleo do pré-sal, para não falar da Amazônia", destacou Edson Monteiro, que também é engenheiro e educador dedicado.

Seus dois livros são um chamamento aos brasileiros para "mergulhar" na História do Brasil, como forma de resolver pendências históricas e colocar o País nos trilhos da soberania nacional e da justiça social. Com linguagem acessível e objetiva, o escritor contribui com a quebra de mitos e falsas verdades apregoadas em diversas obras oficiais, ainda sob efeito de idéias dos colonizadores *et cetera*.

A AEPET está divulgando as referidas obras em seus meios de comunicação. Cada um dos livros pode ser adquirido na AEPET, por R\$ 24. Para Monteiro, tal empenho da entidade revela "atitude de abertura à discussão democrática das questões de interesse do povo brasileiro, mesmo aquelas constantes

de sua remota história". Confira a entrevista.

Por José Carlos Moutinho

Como o senhor se sente ao receber o Prêmio do Concurso Literário 2008 da União Brasileira de Escritores – Rio de Janeiro, que lhe foi entregue pelo presidente da entidade, o escritor Edir Meirelles, em cerimônia no dia 31 de outubro, último? Se não me engano, o senhor foi premiado pela segunda vez, respectivamente, com as publicações dos Tomos I e II do seu livro "O despertar do nativismo brasileiro", pela Letra Capital Editora.

Eu me sinto gratificado, por ter meu trabalho reconhecido por uma entidade cinquentenária como a UBE, por onde passaram expoentes da literatura brasileira.

É fato que fui premiado também no ano passado, o que aumenta minha satisfação e confirma a aceitação à minha tese. A verdade é que a obra é uma só; a edição em dois tomos decorreu da dificuldade financeira de editá-la de uma vez. Felizmente, para mim, dava para dividir o ensaio em dois séculos, um de nativismo português e outro de nativismo brasileiro.

Sua obra é uma análise crítica da História do Brasil, que, acredito, aborda aspectos da formação da sociedade brasileira que não se encontram nos livros oficiais. Na sua opinião, o que pesou para o recebimento do Prêmio Eneida de Moraes 2008 pela UBE-RJ?

Todo ensaio é uma interpretação. Portanto, cada ensaísta destaca aspectos do que aborda de forma bem pessoal, não necessariamente contrariando os dados históricos que já se encontram nos livros que você chama de oficiais. Tanto é que são muitas as referências de meu trabalho. O que entendo como original ou de provocação inédita nele foi o destaque que dei ao caráter preponderante do componente cultural à formação de nossa nacionalidade, algo pouco destacado na literatura histórica. Os poetas, que eram herdeiros da plutocracia dominadora da colônia, acabaram se tornando os agentes sensibilizados à mudança humanista trazida pelas revoltas e lutas por independência, um aparente paradoxo, isto é, o vilão dominador querendo liberdade. Somente a cultura produz tais alterações comportamentais.

Ao ler sua obra ficamos com o sentimento de que o povo

brasileiro precisa "mergulhar" mais profundamente na História do Brasil, como forma de suprir a lacuna entre a história oficial e a não-oficial e conquistar as verdadeiras soberania e liberdade. Mas sua obra também demonstra que o brasileiro é um bravo, ao lembrar de eventos que marcaram nossa resistência aos colonizadores. O senhor, enquanto educador, empreende esforços no sentido de levar seus alunos para uma "viagem" além dos livros oficiais? Sua obra é resultado da sua experiência acadêmica, aliada à sua prática concreta de nacionalista?

Como educador, tomara que sim, há mais de 40 anos. Melhor seria que os alunos respondessem a isso. Sobre a experiência de nacionalista, creio que os dois primeiros capítulos do Tomo I da obra respondem objetivamente à pergunta.

Fale um pouco do seu método de pesquisa.

Não há segredos no exercício dos ensaios: muita leitura, muita atenção e isenção argumentada.

Qual Edson Monteiro aconteceu primeiro: o engenheiro, o escritor ou o educador? Como o senhor consegue conciliar esses três no seu dia-a-dia?

Reverendo minha vida, penso que o magistério (aqui entendido como a vontade de esclarecer, de ajudar a compreender) está no início de tudo. A engenharia serviu-me para entender a prática objetiva da ética que professo: respeitar a natureza das coisas, no objetivo de melhorar as condições de vida do ser humano. Escrever está no fim de tudo, é o instante que antecede ao acaso.

Essas formações tiveram origem em seus pais e avós?

Minha gente era muito humilde, de nível intelectual modesto. Contudo, era gente trabalhadora e honesta. Sem dúvida, devo a eles a oportunidade de fazer alguma coisa mais à frente, mas estou convicto de que não fiz nada de especial.

Este ano, faz 100 anos do falecimento de Machado de Assis. Qual a importância do escritor carioca na cultura nacional e na formação do povo brasileiro [ou do nativismo brasileiro]?

Machado é o nosso maior romancista. Não sou especialista que se permita abordá-lo criticamente. Seu conto "O alienista" faz parte,

no meu caso, do que se chama leitura de cabeceira. Prefiro vê-lo como uma prova de que a origem humilde não empana o talento dos gênios. Nasceu no Morro do Livramento, foi filho de uma lavadeira, e tem seu monumento na Avenida Presidente Wilson. Dizer mais o quê? Sobre o nativismo brasileiro, resta o orgulho de ter sido um escritor brasileiro. Nada mais específico que isto. José de Alencar e Gonçalves de Magalhães foram mais expressivos neste contexto.

Em diversos segmentos da sociedade brasileira verificamos a luta entre ser soberano ou colonizado. A luta entre esses contrários é uma constante na História do Brasil e de outros povos do chamado Terceiro Mundo. Na sua opinião, essa luta também se verifica no mercado editorial? Como o senhor analisa o mercado editorial nacional?

Claro que existe a luta! Onde há o interesse do capital, diante de um mercado de centenas de milhões de potenciais leitores, seria ingênuo supor a ausência de luta; mas é glória, pelo mesmo motivo. Os fatores nem sempre de importância cultural e úteis ao desenvolvimento e consciência nacionais costumam prevalecer. Edita-se muita bobagem e ignoram-se autores mais comprometidos com a nossa verdadeira cultura.

Quais os seus autores preferidos?

Se eu fosse responder os que não leio, talvez fizesse uma relação pequena, simplesmente porque prefiro ignorá-los. Assim sendo, como a lista dos que prefiro é muito grande, tendo a deixar você sem resposta. Para não ser indelicado, vamos lá (só de leve...): Cervantes (que não me canso de reler), os clássicos todos (mormente Voltaire), Vieira, Huxley (o de minha juventude), Keneth Maxwell (o grande analisador de nossa História), Oliveira Lima, Humberto Eco, Eduardo Galeano, todos os árcades da Inconfidência Mineira (releio sempre), Castro Alves, Lima Barreto, Cruz e Souza, Tobias Barreto e o grande Euclides da Cunha. Acrescentaria também, porque os leio muito, os responsáveis pelos 66 livros da Bíblia. Perdão aos que tenha esquecido...

Edson Monteiro por Edson Monteiro.

Um leitor obsessivo.
Um contador de histórias cuidadoso.